

## O cristianismo como ponto de partida para a crítica da *Vontade débil*

### Christianity as a starting point for the criticism of the Weak will

ALMIR JOSÉ WEINFORTNER<sup>1</sup>

**Resumo:** O propósito básico deste estudo é procurar compreender a *vontade débil* a partir do Cristianismo — segundo Nietzsche, melhor representante desse tipo de vontade. Alicerçamos este estudo na configuração do Cristianismo como um “mau inimigo”, nos conceitos de “corrupção da vontade” e “compaixão” — elementos conceituais de importância considerável na caracterização do Cristianismo desenvolvida por Nietzsche.

**Palavras-chave:** Cristianismo. Vontade débil. Compaixão.

**Abstract:** The basic purpose of this research is to try to comprehend the *weak wish* from Christianity — according to Nietzsche, the best representative of this kind of wish. We base this study on the Christianity configuration as a “bad enemy”, in the “wish corruption” concepts” and “compassion” — conceptual elements with considerable importance in Christianity's characterization developed by Nietzsche.

**Keywords:** Christianity. Weak will. Compassion.

### Introdução

Compreender o significado de um tipo de vontade que quer afirmar-se negando a própria fonte da afirmação, é uma das tarefas fundamentais daquele que se propõe a destrinchar o emaranhado de críticas que Nietzsche desenvolve em sua reflexão filosófica sobre os valores ocidentais.

Neste contexto, o cristianismo é um de seus principais alvos. O que é colocado em questão não é propriamente o conteúdo desta religião. É algo anterior, mais profundo que interessa aqui. Nietzsche está preocupado em delimitar *o que faz com que uma vontade possa querer sustentar-se pela negação de si mesma*. Para ele, a perspectiva cristã é a melhor representante desse tipo de vontade.

O ponto de partida desse tipo de posicionamento frente à vida é uma *inversão de valores*.<sup>2</sup> Valores *décadents* são tomados como parâmetro, ponto de partida, apoio de um tipo de vontade que não consegue sustentar-se em si mesma. Nietzsche quer promover uma reviravolta no processo de configuração de valores.<sup>3</sup>

Ao fazer críticas severas à tradição, a preocupação do filósofo alemão é apontar a subtilidade dos mecanismos de *degeneração* do homem. E justamente *estes*

---

<sup>1</sup>Professor do IFMS – Instituto Federal de Mato Grosso do Sul. Mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2005). Ex-bolsista do Grupo PET-Filosofia (1994-1996). E-mail: almir.weinfortner@ifms.edu.br

<sup>2</sup> Cf. *Além do Bem e do Mal* (BM) # 195; *O Anticristo* (AC) # 27; *Genealogia da Moral* (GM) I, # 10; GM I, # 11.

<sup>3</sup> Cf. AC #2.

mecanismos são tomados como aquilo que a humanidade considera o mais seguro, o mais importante, o melhor... e, por isso, o que produz maior “felicidade”...

« Périssent les faibles et les ratés ! Premier principe de *notre* philanthropie. Et il faut même les y aider. ».<sup>4</sup> A *fraqueza da vontade*, constituída por forças anárquicas que desestabilizam o fundamento sobre o qual deve apoiar-se o imperioso “sim” a si mesmo — é ela que deve perecer. É disto que depende o tipo homem do qual possamos nos orgulhar. É este o ponto de partida para uma *transvaloração dos valores*.

Esta questão será discutida em três momentos: o Cristianismo como representante do “mau combate”, suas relações com a Corrupção da Vontade e a Compaixão.

### O Cristianismo e o “mau combate”

É no #2 de AC, que Nietzsche indica o principal alvo de sua *empreita homérica*: o *Cristianismo*. A postura de Nietzsche não se refere especificamente a uma religião, mas sim a um *tipo de vontade* que encontra numa determinada manifestação religiosa o seu *modus vivendi*...

No #5 de AC, Nietzsche diz: « Rien ne sert d’embellir et de farder le christianisme : il a livré une lutte à mort à ce type supérieur d’humanité, il a jeté l’anathème sur tous les instincts élémentaires de ce type. A partir de ces instincts, il a su distiller le mal, susciter le méchant : l’homme fort étant par définition celui que l’on réprouve, le ‘réprouvé’. »<sup>5</sup> Segundo Nietzsche, o Cristianismo deve ser despojado de seus adornos e “beleza”. Deve ser despojado de suas máscaras — elas são sedutoras, envolventes... Para compreendermos o verdadeiro sentido do Cristianismo, precisamos despojá-lo daquilo que nele seduz.

« Il a livré une lutte à mort à ce type supérieur d’humanité », diz Nietzsche. Está aí o pior dos inimigos desse tipo de homem, o homem superior. Não que os inimigos devam ser desprezados. Pelo contrário, os “bons inimigos” devem até mesmo ser conservados. São eles que nos proporcionam o “bom combate”.<sup>6</sup>

Já o “inimigo mau”<sup>7</sup> produz um “mau combate”. Um “mau combate” não cria circunstâncias de fortalecimento, de aprimoramento. O “mau inimigo” deve ser desprezado, e não combatido.<sup>8</sup> Se for no “bom combate” que nos fortalecemos,<sup>9</sup> é ao “bom inimigo” que devemos nos remeter. Estar disposto a superar-se — primeira regra das naturezas fortes. Não apenas “estar disposto”, mas sentir isso como uma

<sup>4</sup>AC #2, p. 162.

<sup>5</sup>Idem, #5, p. 163.

<sup>6</sup> Cf. GM I, #10.

<sup>7</sup>Cf. GM I, #11.

<sup>8</sup>Em *A Gaia Ciência* (GC) III, #169 e #211: *Ennemis déclarés* e *Ennemis secrets*, respectivamente.

<sup>9</sup>Cf. *Ecce Homo* (EH), *Porquoi je suis si sage*, #7.

necessidade vital, acompanhar o próprio esquema da vida — que é o da manutenção e superação das forças. É por isso que não basta combater o bom inimigo, é imperativo que ele seja mantido — bons inimigos são difíceis de serem encontrados...<sup>10</sup>

Para naturezas fracas, não é apenas bom que o inimigo seja vencido, mas também aniquilado. E ainda mais: aqui só há uma forma de vencer o inimigo — *enfraquecendo-o*. O que vigora não é a força, mas sim a *astúcia*. Subtraído da força, o “mau inimigo”, o da vontade fraca, encontra outros artificios para a batalha. Esta não é empreendida pela vontade de *fortalecer-se*, mas pela necessidade de *sobreviver, manter-se*.

Se o Cristianismo promoveu uma “guerra de morte” contra o “tipo superior de homem”,<sup>11</sup> é porque sempre evitou o “bom combate”. No “bom combate”, temos forças conservando-se para poderem superar-se. Só enquanto encontramos resistência igual ou superior às nossas forças, é que buscamos o aprimoramento, o fortalecimento. A atitude é positiva: mantém-se da afirmação de si e daquilo que é correspondente — só o que nos é correspondente merece o nosso apreço.

Na medida em que o homem superior representa a força manifestada para a criação, para o querer de si mesmo, para o aprimoramento de si mesmo, a negação desse tipo significa o “pior dos combates”, pois o que está em jogo é a negação da força para que se possa dominar. É pelo *enfraquecimento* que o Cristianismo venceu seus inimigos. Não apenas na negação da força, mas também, e principalmente, na negação da fonte da mesma, que o Cristianismo tornou-se “forte”.<sup>12</sup> Mas, não esqueçamos: é uma força ilusória, pois se mantém do enfraquecimento do outro. O Cristianismo, segundo Nietzsche, não se torna forte pelo aprimoramento de si, mas pela *negação do outro*.<sup>13</sup>

O Cristianismo não se contentou em eleger o débil como o bem-aventurado — esta bem-aventurança dependia fundamentalmente da negação de seu contrário. A “negação” como o “ato de afirmação”... *Uma vontade que precisa negar para afirmar-se?* É assim que surge o Cristianismo.

### **Corrupção da Vontade**

Isso nos leva a pensar sobre as origens de uma tal *vontade corrompida*. Pois uma vontade que sobrevive da negatividade, só pode ser corrompida... Nietzsche quer pôr às claras o motivo da *corrupção* do homem. E ele está justamente onde ninguém até então suspeitou: « au point que c'est précisément là ou l'aspiration à la

---

<sup>10</sup>Cf. *Humano, demasiado humano* (HH) #531, p. 274.

<sup>11</sup>Cf. AC #4.

<sup>12</sup>Cf. EH, *Aurora* (A), #2; GM, *Prólogo*, #5.

<sup>13</sup> Cf. AC #5.

‘vertu’, à la ‘divinité’ ».<sup>14</sup> Os valores que foram coroados pelo ocidente como a referência primordial, tornaram-se o principal motivo de ocaso do homem, de sua *corrupção*.<sup>15</sup>

No #6 de AC, Nietzsche faz notar que entende a *corrupção* no sentido de *décadence*.<sup>16</sup> Em EH, *Por que sou um destino*, #7, perguntando-se se a humanidade estaria em *décadence*, Nietzsche responde: « — Ce qui est sûr, c’est que seules des valeurs de *décadence* lui ont été *inculquées* comme valeurs suprêmes. »<sup>17</sup> A “moral da renúncia de si”: “ela nega em seus fundamentos a vida”. A afirmação, a de que os valores a partir dos quais a humanidade resume seus mais altos desejos são *valores de décadence*, é contundente. É por isso que no início do #6 de AC, diz Nietzsche: « C’est un spectacle douloureux et sinistre qui s’est révélé à mēs yeux. »<sup>18</sup>

Nos deparamos aqui com a necessidade de compreendermos melhor o conceito de *corrupção*, o que parece se constituir em ponto de partida para a discussão do conceito de *décadence*, tal como aparece na filosofia nietzscheana.

Em GC, #23, intitulado *Os sinais da corrupção*, Nietzsche mostra o “lado positivo e necessário” da *corrupção*, pois é em tal circunstância que se exige mais de um povo.<sup>19</sup> É nesta situação que se delineiam as condições para o surgimento dos “frutos mais doces”, dos “portadores das sementes do futuro”.<sup>20</sup>

Neste parágrafo de GC, temos a *corrupção* como um elemento positivo, que faz parte do processo de aprimoramento de determinado organismo — que também pode ser social. Isso nos leva a deduzir que a mesma não pode ser considerada como um elemento absolutamente negativo, mas sim deve estar sempre relacionada ao *tipo de vontade* da qual se apodera.

Em HH, #224, intitulado *Enobrecimento pela degeneração*, diz que até nas comunidades fortes, o *progresso espiritual* depende “dos indivíduos mais independentes, mais inseguros e moralmente fracos”.<sup>21</sup> Ou seja, este *progresso* só é possível a partir de um ponto “frágil” da comunidade. E é por este ponto que é introduzido algo novo no “organismo inteiro”. Neste sentido, as naturezas degenerativas são de “elevada importância”, na medida em que provocam o aprimoramento do todo.<sup>22</sup> Toda debilidade pode servir de motivo para algum tipo de aprimoramento — quem o diga o cego, diante da necessidade de aperfeiçoamento da audição e do tato.

---

<sup>14</sup>AC #6, p. 163.

<sup>15</sup>Cf. GM, *Prólogo*, #6.

<sup>16</sup>Cf. AC #6.

<sup>17</sup>EH, *Pourquoi je suis un destin*, #7, p. 340.

<sup>18</sup>AC #6, p. 163.

<sup>19</sup>Cf. GC I, #23.

<sup>20</sup>Idem.

<sup>21</sup>Cf. HH #224, p. 155.

<sup>22</sup>Idem, p. 155-156.

O enfraquecimento ou o aparecimento de lesões dentro de estruturas estáveis, sejam elas individuais ou coletivas, é motivo para a introdução do novo e do nobre, condição do aprimoramento de qualquer estrutura.

Em BM, #258, Nietzsche apresenta um complemento importante para aprofundar as discussões em torno desta questão, bem como aproximá-la do sentido em que a mesma é tomada em AC.<sup>23</sup> Diz Nietzsche: “A corrupção como indicação de que no interior dos instintos ameaça a anarquia, e de que se encontra abalado o fundamento dos afetos, a que se chama ‘vida’: a corrupção varia radicalmente, segundo a forma de vida em que se manifesta.”<sup>24</sup>

A corrupção como uma ameaça à própria vida. Mas que *varia radicalmente, segundo a forma de vida em que se manifesta*. Este parece ser um aspecto fundamental na perspectiva filosófica nietzscheana: os mecanismos de degeneração da vontade atingem determinado tipo de influência dependendo do tipo de vontade sobre o qual se manifesta. O que destruiria vontades débeis, pode servir de oportunidade para o aprimoramento de naturezas seguras de si.<sup>25</sup>

### O Cristianismo e sua “jóia” mais preciosa: sobre a Compaixão

O que encaminha para a corrupção? O que leva uma vontade a se degenerar? Entramos em outro terreno pantanoso. A *compaixão* como causa da corrupção. Em AC, #7, Nietzsche considera que a *compaixão* « il est l'instrument principal de l'aggravation de la *décadence*. »<sup>26</sup> E essa *compaixão* é mais prejudicial do que qualquer outro vício, dirá o filósofo.<sup>27</sup>

O Cristianismo é, por excelência, a *religião da compaixão*. É nela, segundo o filósofo alemão, que encontramos a *compaixão* ativa por todos os da vontade fraca — os *malogrados* e *débeis*... Como tal, enfraquece, torna o homem mais propenso à enfermidade, à debilidade vital, pois seus preceitos estão em contradição com as emoções tônicas, que acentuam a energia do sentimento vital.<sup>28</sup>

O *compadecimento* desestrutura, promove a enfermidade da vontade. É por isso que o afastamento dos doentes é condição de defesa contra as duas mais terríveis pragas que podem estar reservadas para nós: o *grande nojo do homem* e a *grande compaixão pelo homem*.<sup>29</sup> — E por acaso não é a *compaixão* uma das

---

<sup>23</sup>Cf. AC #6.

<sup>24</sup>BM #258, p. 170.

<sup>25</sup>Esta questão é importante para compreender como o processo de *décadence* pode servir de aprimoramento para aqueles que são no fundo *sadios*, aqueles que sabem escolher os seus próprios remédios diante das mais diversas enfermidades — distinguindo-se daqueles que são “*décadents* em si”.

<sup>26</sup>AC #7, p. 165.

<sup>27</sup> Cf. Idem, #2.

<sup>28</sup>Cf. Idem, #7.

<sup>29</sup>Cf. GM III, #14.

principais características do Cristianismo? Por acaso não foi por compaixão que o nazareno morreu pregado numa cruz?

A compaixão é a antítese dos *afetos tonificantes* da vida.<sup>30</sup> O compadecimento leva ao enfraquecimento. Causa um *efeito depressivo*.<sup>31</sup>

O *padecer* é parte da vida. É próprio de todo organismo a desestruturação e a morte. Dadas as circunstâncias, alguns se mantêm mais do que outros. A própria natureza se encarrega de eliminar os menos adaptáveis. Um dos principais problemas da compaixão é o que provoca: conservação do que exatamente precisa perecer. É ela um “obstáculo” ao melhor, mais forte.<sup>32</sup>

Não somente o fruto que está maduro deve vir ao chão, mas também aquele, que por falta de resistência às pragas, insetos e tempo, acaba pesteando. Antes mesmo de caírem por si, devem ser eliminados para evitar que contaminem os frutos sãos. O fruto maduro encontra o seu limite e está pronto para lançar suas sementes ao solo. O fruto doente, além de ser estéril, prejudica os frutos sãos — a energia que as sementes consomem para manter a sua fraqueza, acaba faltando para o aprimoramento das sementes dos frutos saudáveis. Acaso não seria este o processo pelo qual os de natureza débil acabam provocando “compadecimento”?<sup>33</sup> — Como? A *compaixão* como uma doença contagiosa?

Segundo Nietzsche, a compaixão não é considerada, pelo Cristianismo, apenas uma virtude, mas sim “a virtude, o solo e origem de todas as virtudes”.<sup>34</sup> Daí sua importância na compreensão do *processo de decadência do homem* — desestruturação de suas forças...

Se a desestruturação das forças significa a fragilização de dado organismo, e se esta fragilização leva à dificuldade no enfrentamento do livre curso do devir, não há o que objetar em considerar a compaixão como a “negação da vida”.<sup>35</sup>

Em GM III, #14, Nietzsche diz que o grande perigo para os sãos, são os doentes. Não é o temor ao homem que pode diminuí-lo, pois é ele que obriga os fortes a serem fortes. O *maior dos perigos*,<sup>36</sup> o que precisa ser temido, “o que tem o efeito mais fatal que qualquer fatalidade”, é o “grande *nojo* ao homem” e também a “grande *compaixão* pelo homem”.<sup>37</sup>

Em *Assim falou Zaratustra* (Z), Nietzsche afirma que de nenhum outro lugar vieram maiores estultices do que dentre os compassivos. E foi justamente isso que

---

<sup>30</sup>Cf. AC #7.

<sup>31</sup>Cf. GM III, #14.

<sup>32</sup>Cf. AC #7.

<sup>33</sup>Cf. EH, *Porquoi je suis si sage*, #4.

<sup>34</sup>Cf. AC #7; EH, *Porquoi je suis si sage*, #4.

<sup>35</sup>Cf. AC #7.

<sup>36</sup>Cf. GC #271, *Où résident les plus grands dangers ?*.

<sup>37</sup>Cf. GM III, #14.

trouxe os maiores sofrimentos ao mundo.<sup>38</sup> Diante do sinistro grito de socorro, Zaratustra quase se deixou compadecer — foi sua maior tentação... sua maior provação...<sup>39</sup>

Mas mesmo aquele que padece ainda possui um *desejo* escondido — talvez seja sua arma mais perigosa.<sup>40</sup> E é nesse desejo que se revela a vontade de controlar, dominar. Só que, diferentemente do homem saudável, o domínio se dá não pela demonstração de força, mas sim pelo enfraquecimento do outro. O compadecer enfraquece.

A manifestação da dor dos doentes não pode ter o objetivo de *causar dor* nos expectadores? Apensar da doença, tem-se ao menos *um poder ainda: o poder de causar dor*.<sup>41</sup> Um sentimento de superioridade toma conta do infeliz. É no fazer compadecer que encontra ainda alguma *vantagem*<sup>42</sup>, alguma *utilidade*<sup>43</sup> para a sua mórbida existência. Seu gozo se faz às custas do outro. Uma última alternativa de exercitar o poder — não a partir da própria força, mas sim do enfraquecimento do outro... É por isso que pergunta Nietzsche, em GC, #271: “*Onde estão seus maiores perigos?*” E responde: « — Dans la compassion. »<sup>44</sup> A compaixão é considerada a maior arma daqueles que já não mais têm qualquer segurança de si mesmos. A estratégia é também tornar o outro inseguro de si.

É difícil que o que sofre perceba a importância da infelicidade para a “economia geral da alma”. O próprio sofrimento é condição de aprimoramento. Nos dizeres de Nietzsche: « le chemin qui conduit à notre ciel personnel passe toujours par la volupté de notre propre enfer. »<sup>45</sup> Daí, o conselho de Zaratustra: « Mais as-tu quelque ami souffrant, lors sois pour sa souffrance un lieu de repos, de quelque manière pourtant une couche dure, un lit de camp ; ainsi tu lui seras le mieux utile. »<sup>46</sup>

Em BM, #225, Nietzsche diz que a compaixão também pode ser considerada como uma atitude dos *seguros de si*.<sup>47</sup> Mas esclarece que não se trata da tradicional compaixão, a da piedade pelos fracos e desgraçados. O que se quer não é abolir o sofrimento, pois é aí que se fortalecem as estruturas orgânicas. É na “disciplina do sofrer, do *grande sofrer*”, que temos o aprimoramento do homem.<sup>48</sup>

---

<sup>38</sup>Cf. Z IV, *Des compatissants*.

<sup>39</sup>Cf. Idem, *Le cri de détresse*.

<sup>40</sup>Cf. HH #50, *O desejo de suscitar compaixão*.

<sup>41</sup>Idem, *ibidem*.

<sup>42</sup>Cf. GC #338, *La vonlonté de souffrance et les compatissants*.

<sup>43</sup>Cf. BM #260, p. 174.

<sup>44</sup>GC #271, *Où résident les plus grands dangers ?*, p. 185.

<sup>45</sup>Idem, #338, *La vonlonté de souffrance et les compatissants*, p. 229.

<sup>46</sup>Z IV, *Des compatissants*, p. 105.

<sup>47</sup>Cf. BM #225.

<sup>48</sup>Idem, *ibidem*.

A compaixão só tem valor quando é sentida por aqueles que são seguros de si mesmos. Já a compaixão sentida pelos fracos, daqueles que precisam de muletas para sustentar sua fraqueza, e, por isso mesmo, elegem a compaixão como um ídolo que deve ser adorado, este tipo não tem qualquer valor.<sup>49</sup> A diferença é de *quem* se compadece: se é uma vontade nobre ou medíocre.

## Referências

NIETZSCHE, F. *Œuvres Philosophiques Complètes*. Paris: Gallimard, 1974.

\_\_\_\_\_. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

\_\_\_\_\_. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos Ídolos*. Lisboa: Edições 70, 1985.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *El Anticristo: maldición sobre el cristianismo. Introducción, traducción y notas de Andrés Sánchez Pascual*. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Submissão: 28. 10. 2022/Aceite: 29. 10. 2022

---

<sup>49</sup>Idem, #293.